

Mario Alighiero Manacorda: um marxista a serviço da liberdade plena e para todos¹

Mario Alighiero Manacorda: a Marxist in the service of full freedom and all

Paolo Nosella*

* Mestrado e Doutorado em Filosofia da Educação na PUC/SP. Professor Titular em Filosofia da Educação na Universidade Federal de São Carlos/SP. Mestrado e Doutorado em Fundamentos da Educação. Docente do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Nove de Julho de São Paulo (UNINOVE). Pesquisador Sênior do CNPq. E-mail: nosellap@terra.com.br

Resumo

O texto trata do falecimento de Mario Alighiero Manacorda em Roma no dia 17 de fevereiro de 2013, um dos maiores intelectuais marxistas italianos do século XX. Ao longo do texto é tratado sobre a sua formação sob o regime fascista, como professor, pesquisador, militante e, por fim um adeus a um grande homem que soube distinguir a cultura ideal comunista da prática do socialismo real.

Palavras-chave

Mario Alighiero Manacorda. Falecimento. Intelectual.

Abstract

The paper deals with the death of Mario Alighiero Manacorda in Rome on 17 of February of 2013, one of the largest Italian Marxist intellectuals of the twentieth century. Throughout the text is treated on their training under the fascist regime, as a teacher, researcher, activist, and finally a farewell to a great man who knew how to distinguish the ideal communist culture of the practice of real socialism.

Key words

Mario Alighiero Manacorda. Passing. Intellectual.

¹ Palestra proferida no X Colóquio Nacional e II Colóquio Internacional do Museu Pedagógico da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em Vitória da Conquista, em 30 de agosto de 2013.

1 Apagou-se um farol

No dia 17 de fevereiro de 2013, faleceu em Roma Mario Alighiero Manacorda, um dos maiores intelectuais marxistas italianos do século XX. No dia seguinte, os jornais italianos *La Repubblica*, *Il Corriere* e *L'Unitá* publicaram o seguinte obituário:

“Ho vissuto dal principio alla fine e ormai nessuna sorte, per quanto maligna, mi toglierá quello que il tempo mi ha dato” (Petronio) [vivi do início ao fim e agora nenhuma sorte, por maligna que seja, me furtará o que o tempo me deu]. Apagou-se um farol: MARIO ALIGHIERO MANACORDA, historiador, literato, intelectual, esportista, nos deixou. Um homem único que perseguiu com espírito laico, durante um século, a humana solidariedade de corpo e de mente, de razão e sentimento. Com Anna Maria, maravilhosa companheira de uma inteira vida, choram os netos de três gerações. A última despedida será na quarta feira, 20 fevereiro, às 10 horas, no templo egípcio do Verano. (e-mail de Giuseppe Manacorda, 18 de fev. 2013).

Encaminhei essa informação aos amigos José Claudinei Lombardi (Zezo), Gaudêncio Frigotto e Marisa Bittar, solicitando divulgação e acrescentando:

Amigos, quando penso nele, um nó me fecha a garganta. Meu inspirador intelectual. Mais do que isso: meu exemplo de vida, porque eu queria viver como ele, trabalhando com as mãos e a cabeça; era, também, minha ligação com aquela bela cultura

comunista da Itália, dos anos 1950, 1960 e 1970, de Vittorio De Sica, Federico Fellini e Pier Paolo Pasolini. (e-mail 18 de fev.2013).

Os amigos responderam e divulgaram a notícia. Destaco a resposta de Marisa:

Que tristeza, Paolo, o mundo ficou mais pobre sem ele. Eu perco meu grande inspirador, o intelectual que mais me influenciou como professora de História da Educação. Quanto lhe devo! Ele me deu tanta energia sem o saber! Estará para sempre no meu coração, nas minhas aulas, no meu pensamento, nos meus escritos e reflexões. Nunca morrerá. Obrigada por ter me ajudado a conhecê-lo pessoalmente. Foi um dos momentos mais emocionantes e significativos da minha vida. Meu grande abraço neste momento em que você se sente órfão. (e-mail, Marisa, 18 de fev., 2013).

No dia 9 de dezembro de 2012, pelo seu aniversário de 98 anos, havia recebido um novo computador para revisar seu trabalho sobre jogos e esportes na história: “Diana e as Musas: três milênios de esportes na literatura. Antologia comentada de Homero aos nossos dias”, texto inédito de mais de 1200 páginas.

De onde extraía tanta energia? Teve a sorte de herdar um organismo biologicamente privilegiado, ao qual correspondeu alternando sabiamente atividades intelectuais com físicas. Era um excelente esportista (nadador) e sabia deleitar-se de todas as simples e boas coisas da vida. Nascido em Roma, em 1914, onde

possuía um pequeno apartamento de apoio, transcorria a maior parte do ano na casa de campo de Bolsena, no lago homônimo, onde estudava, escrevia e cuidava da pequena propriedade que lhe proporcionava o vinho, o azeite, o mel, as frutas e as verduras.

2 Formação

As quartas capas ou as orelhas de seus livros trazem quase sempre uma sinopse de seu percurso formativo. Mas a melhor narração encontra-se no texto *La mia scuola sotto il fascismo* [A minha escola sob o fascismo] (Manacorda, 2010), delicioso autorretrato de sua trajetória escolar, desde o jardim da infância das Irmãs Francesas do Sagrado Coração (1918) até os anos universitários e as primeiras experiências como professor (1943). Toda sua escolarização ocorreu durante o governo fascista: cinco anos de instrução elementar, cinco de ginásio (com latim e grego), três de liceu clássico, quatro de universidade (na Escola Normal Superior de Pisa) e um de aperfeiçoamento em Frankfurt.

Existe um segundo depoimento em que analisa especificamente o período de formação universitária: *Il contributo dell'università di Pisa e della Scuola Normale Superiore alla lotta antifascista ed alla guerra di liberazione* [A contribuição da Universidade de Pisa e da Escola Normal Superior na luta antifascista e na guerra de libertação] (Manacorda, 1985).

Na leitura desses depoimentos, há duas ideias fortes sobre a influência da instituição escolar na formação do aluno.

A primeira enfatiza a importância do testemunho individual do professor, mesmo à revelia da ideologia do sistema político e da gestão escolar: “A marca do ensino, quase sempre liberal-conservadora, dependia muito da individualidade do professor” (MANACORDA, 2010, p. 29). A segunda destaca a íntima força ético-política da elevada cultura: “A longo prazo, por meio de mil contradições, a cultura termina sempre sendo revolucionária” (MANACORDA, 1985, p. 159). São duas ideias que confluem na convicção de que a ideologia e a política da instituição nem sempre correspondem aos valores professados individualmente pelos educadores que nela trabalham. Por isso o laicismo e o socialismo, dimensões fundamentais para Manacorda, não o impediram de reconhecer e elogiar mestres que vestiam a batina sacerdotal ou mesmo que haviam aderido ao fascismo. Assim, por exemplo, com admiração, rememora o caríssimo professor Pe. Primo Vannutelli:

Seja-me permitido lhe dedicar uma recordação particular de estima e afeto. [...] Era um sacerdote *sui generis*, homem de profunda cultura e humanidade, espírito tolerante, competíssimo não apenas de latim e grego, mas também de hebraico e de cultura bíblica; leitor de latim na Faculdade de Letras da Universidade *La Sapienza*, onde dava aulas de latim. [...] Era para nós um ponto de referência em nossos estudos [...]. Sua lembrança é para mim e para minha mulher – nos conhecemos nos bancos do Liceu – entre as mais caras de nossas vidas. (MANACORDA, 1985, p. 32).

Como sabemos, o clero representa a categoria mais típica dos intelectuais tradicionais e, justamente por isso, por não estar organicamente comprometida com esta ou aquela classe econômica fundamental ou com uma proposta política definida, ondula, com aparência de autonomia, entre o apoio ora a movimentos políticos progressistas, ora conservadores e reacionários, conforme valores individuais.

Um segundo nome, entre os vários citados no depoimento sobre a Universidade de Pisa, é Giovanni Gentile. Manacorda frequentou essa renomada Universidade entre os anos de 1932 até 1936, justamente quando Gentile, que também fora aluno daquela Instituição, era diretor. Sem dúvida, um exímio diretor e professor. Gentile fora ministro da Pública Instrução no governo fascista do ano de 1922 a 1924. Renunciou ao cargo em decorrência de seu desacordo com o assassinato do deputado socialista Matteotti. Sua reforma da escola marcou a cultura italiana, menos por ser uma reforma fascista (como muitos sustentam) quanto por ser idealista e elitista, ou seja, a caricatura populista da proposta fascista após 1936 não teve o consentimento de Gentile. Desse ponto de vista, entende-se o depoimento de Manacorda:

Os anos da Escola Normal foram para mim autênticos anos de noviciado cultural e político. Aí o antifascismo era de casa, os veteranos nos passavam a memória dos normalistas que os precederam, exaltando sua severa moralidade, a cultura e, sobretudo, seu rigor moral ainda da velha marca liberal. Os nossos anos foram

a-fascistas, ou talvez também antifascistas, mais por dignidade e moral do que por reflexivas razões políticas. [...] Gentile era sem dúvida uma grande personalidade, e eu, mesmo que mais tarde tenha duramente criticado suas ideias, continuo conservando uma boa lembrança de sua humana pessoa. (MANACORDA, 2010, p. 42).

Gentile amava a Escola Normal Superior de Pisa, considerando-a a melhor “norma” escolar para a formação das elites italianas, tanto que, quando Diretor, elevou o número de suas matrículas de duas dúzias para mais de uma centena:

A ampliação da Escola Normal determinada por Gentile não foi um triunfo do fascismo; em longo prazo, por meio de mil contradições, a cultura termina sempre sendo revolucionária. Como foram as Universidades do *Risorgimento*, de onde saíram os Lorenzo Benoni-Ruffini e i Fantasi-Mazzini, assim a Normal era predestinada a se tornar ela também viveiro de liberdade. (MANACORDA, 1985, p. 149-150).

Com efeito, o antiautoritarismo político está sempre subtencionado na cultura; ao contrário, o mau gosto da ignorância e do populismo é sempre um caldo oportuno para todo tipo de autoritarismo.

Não poderia deixar de acenar à didática do ensino da palavra, espinha dorsal da metodologia que formou Manacorda, sobretudo no liceu, onde encontrou professores muito severos voltados para um ensino rigorosamente histórico filológico, para os quais a gramática não era a porta de acesso aos autores, ao contrário: “No

liceu (ensino médio) começamos a ler os autores por si mesmos e, finalmente, a gramática serviu os autores e não os autores à gramática” (MANACORDA, *idem ibidem*, 2010, p. 3). Nessa escola, Manacorda se tornou um mestre da palavra. Por meio da difícil arte da filologia e da hermenêutica, na leitura dos clássicos e dos documentos históricos em geral, retratava a história da educação à luz de valores humanistas absolutos.

3 Professor

Pode-se dizer que Mario era professor nato. Assunto e forma didática encantavam alunos e ouvintes em geral, motivando-os a ler e amar os clássicos. A ele aplica-se perfeitamente o elogio que Gramsci fez dos professores Renato Serra e Francesco De Sanctis. Permitam-me a bela citação:

Esses dois homens foram, realmente, mestres, como entendiam os gregos, isto é, *mistagogos*; iniciaram-nos nos mistérios da poesia, mostrando que esses ‘mistérios’ são vãs construções de literatos e que tudo é tão claro, límpido aos que têm olhos puros e vêm a luz como cor e não como vibrações de íons e elétrons. Esses dois mestres são colaboradores da poesia, leitores da poesia. Todos seus ensaios são novas luzes que se acendem para nós. Nos sentíamos como que arrebatados por um encanto. [...] A palavra deixava de ser um elemento gramatical que devia ser encaixada em regras e em esquemas livrescos; [...] nos davam a ilusão de sermos nós os criadores

daquelas harmonias de tanto que as sentíamos nossas e sentíamos que jamais deixarão de fazer parte de nosso espírito. [...] (GRAMSCI, *A luz que se apagou, Cronache Torinesi*, Einaudi Editore, 1980, p. 23-24).

Esse elogio, como disse, aplica-se perfeitamente ao nosso mestre: a forma como lia e comentava alguns passos da obra de Santo Agostinho ou de Karl Marx, com grandes reservas para o primeiro e indiscutíveis afinidades teóricas com o segundo, me deixava boquiaberto; ensinava-me de fato “como abrir” um texto clássico, como compreender certas passagens. Gostava de datar tudo, se possível, identificando o mês e o dia, os interlocutores e as circunstâncias em que foram redigidas. Era um verdadeiro mestre, um mago da cultura.

Começou a lecionar literatura italiana no liceu clássico de Siena, em 1939. Eram os anos do fascismo mais insensato, e a pressão política fazia-se sentir cada vez mais irracional, ridícula e cruel. A escola, felizmente, abrigava muitos homens cuja postura liberal e crítica evidenciava que, conforme disse, a relação dialética entre sistema político e instituição escolar não é absoluta e mecânica:

O diretor Orsini Begani era um verdadeiro cavaleiro de marca liberal que me acolheu com paternal cordialidade e, no final do dia, me levou para visitar a cidade que eu ainda não conhecia. [...] Conversando amavelmente, me disse, entre outras coisas, que nas ‘notas características’ que era obrigado a redigir sobre os professores ficava em posição muito

prudente, assim que, por exemplo, justificava um professor conhecido como liberal e antifascista, definindo-o como ‘homem da ordem’. Dessa forma nos defendíamos do fascismo reinante. [...] Eu dava aula lendo os clássicos italianos e latinos, e os comentava com grande participação. (MANACORDA, 2010, p. 45-45).

Após a queda do fascismo, os italianos, que na clandestinidade haviam lutado contra ele, puderam finalmente hastear as bandeiras de seus Partidos Democráticos. Os comunistas também hastearam as bandeiras vermelhas e voltaram a cantar abertamente o conhecido hino popular *Bandiera rossa trionferá*. Entre estes havia o Professor Manacorda, comunista, militante, agora Diretor da Escola/Convivência (instituição em que os alunos recebem formação, alimentação e moradia) para partisaos e ex-combatentes da Associação Nacional Partisaos da Itália em Roma (ANPI).

Seguiu carreira de Professor Universitário, assumindo a cátedra de História da Pedagogia, primeiramente na Universidade de Cagliari, Viterbo, Florença e, finalmente, de Roma (*La Sapienza*). A profissão de professor o orgulhava, conforme deixou explícito numa mensagem que enviou para os alunos brasileiros dos cursos de Pedagogia, futuros professores:

Em que pese tanta retórica que se utilizou sobre essa profissão de professor, é sempre uma das profissões mais bonitas porque se trata justamente de ajudar a nascer o homem do futuro. Se tiverem a pos-

sibilidade de lecionar às crianças de seu povo, não esqueçam, sobretudo, duas coisas: que vocês também, uma vez, foram crianças e que um aluno distraído não é um aluno imbecil, é um aluno que tem outros interesses. (MANACORDA, DVD, 2007, p. 20).

Mario concebia a escola voltada à formação onilateral que garantisse “com firme doçura” (MANACORDA, DVD, 2007) os ensinamentos rigorosos necessários ao homem para ser um homem moderno e, ao mesmo tempo, possibilitasse a cada um se formar livremente naquilo que é do seu gosto (MANACORDA, DVD, 2007). Ou seja, a escola, para ele, deveria ser um centro difusor de elevada cultura para todos. Uma vez que, obviamente, a escola não poderia especializar cada aluno nos vários ramos da cultura, das artes, da ciência, da literatura e da tecnologia, deveria ensinar como “desfrutar de todas as contribuições da civilização” (MANACORDA, DVD, 2007):

É preciso que a escola, ao invés de ser um lugar aberto, cinco horas diárias, durante nove meses por ano e, pelo resto do tempo, permanecer fechada e vazia, seja o espaço dos adolescentes onde recebam da sociedade adulta tudo o que é possível receber e ao mesmo tempo sejam estimulados em suas qualidades pessoais e capacitados de gozar todos os prazeres humanos. (MANACORDA, DVD, 2007).

O maior desafio didático da escola moderna, para Manacorda, é superar as velhas concepções autoritárias e doutrinárias da pedagogia tradicional, mas também, a concepção liberal idealista que destina

uma escola de elevada cultura para os dirigentes e outra de abstrata cultura instrumental para as classes trabalhadoras. (MANACORDA, DVD, 2007).

Quem conheceu Mário, pessoalmente, sabe que ele tinha o dom da comunicação. Sua voz de barítono, com o inconfundível sotaque romano, conservara-se clara e forte até os últimos anos de vida. Quando alguém lhe colocasse um microfone na frente, aí se transformava, como vimos na videoconferência do VII^o Seminário Nacional na UNICAMP, em Julho de 2006. Não utilizou óculos, nem caneta, nem papel. Nenhuma anotação. Falou mais de uma hora, fluente e espontaneamente, citando datas e nomes, esboçando em densa síntese um balanço político, econômico e cultural do século XX. Sua fala era ágil, precisa, elegante, sem o tom do decorado. Era um exímio professor e orador.

Não sem razão, a R.A.I. (Rádio Televisão Italiana) o convidara, em 1980, para ser o autor (e ator) de uma série de transmissões radiofônicas intituladas “A escola nos séculos”. Ao todo, foram doze transmissões com base na leitura direta de seus textos para uma sala de aula do tamanho da Itália. Sua proposta inicial era realizar uma exposição pela Televisão Italiana acompanhada de imagens de obras de arte e fotos sobre educação nos séculos. Tal ideia não foi efetivada pelas dificuldades técnicas que apresentava, porém está impressa em forma de um belíssimo volume *Storia illustrata dell'educazione - dall'antico Egitto ai giorni nostri*. Editora Giunti, Florença, 1992.

4 Pesquisador

Suas atividades docentes embasavam-se em pesquisas de documentos e textos dos clássicos da filosofia, da pedagogia e da literatura em geral. Filólogo e linguista, além do grego e latim clássicos, conhecia perfeitamente o inglês, o alemão e o russo. As línguas francesa, espanhola e portuguesa não representavam para ele dificuldade de entendimento. Era apaixonado por línguas porque era apaixonado pela palavra que, como bom leitor de Giambattista Vico, sabia não nascer separada do pensamento, mas inseparavelmente junto com este. Mais ainda, sabia que palavra e pensamento nascem e “concretam” (termo amado por ele) junto com as condições materiais, políticas e ideológicas vivenciadas pelo ser humano. Por isso, para compreender uma palavra não bastava recorrer ao dicionário, precisava perscrutar a situação concreta vivida por quem falou ou escreveu. Em suma: filologia e hermenêutica eram os seus principais instrumentos técnicos de pesquisa.

Inicialmente, nos anos de 1942 a 1962, traduzira textos literários como: Novalis, *Cristianità o Europa*, Einaudi, 1942; Hugo von Hofmannsthal, *La donna senz'ombra*, Guanda, 1946; Karl Marx, *Le lotte di classe in Francia dal 1848 al 1850*, Einaudi, 1948; Marx-Engels, *Carteggio: gennaio 1852- dicembre 1864*, 3 vols., Editori Riuniti, 1972. Elegera como objetivo geral de seu trabalho intelectual cuidar da coleção “Os clássicos do marxismo”, traduzindo e comentando do original para o italiano os textos mais importantes do

marxismo sobre Educação. Para isso, produziu a importante antologia: *Il marxismo e l'educazione, testi e documenti*, em três volumes. Vol. 1º, *I classici: Marx, Engels, Lênin*, Editora Armando Armando, Roma, 1964; vol. 2º, *La scuola sovietica (1917-1964)*, Editora Armando Armando, Roma, 1965; vol. 3º, *La scuola nei paesi socialisti*, Editora Armando Armando, Roma, 1966.

Essa antologia comentada merece um destaque especial por representar a base documental de toda sua produção posterior sobre o tema educação e marxismo; em particular, o primeiro volume. A epígrafe inicial conota a preocupação do autor ao emprender esse trabalho: “Gostaria também recomendar-lhe que estude esta teoria nas fontes originais, e não de segunda mão” (Carta de F. Engels a G. Bloch). Mas, não sendo possível para todos os seus alunos a leitura nos originais, Manacorda garantiu o rigor da tradução. Os textos e os documentos seguem rigorosamente a sequência cronológica, acrescentando informações precisas e até meticolosas sobre o momento em que foram redigidos. Não o diz explicitamente, mas entende-se que para ele as edições russas (Moscou) dos clássicos marxistas, bem como muitas edições italianas, não ofereciam o rigor filológico necessário.

Sobre seu rigor de tradução, há um exemplo, já emblemático entre nós, que ilustra muito bem a grande preocupação metodológica de Manacorda. Trata-se de um erro de tradução, involuntariamente de sua autoria, de um termo marxiano que, posteriormente, foi por ele corrigido, da palavra “politecnicia ou tecnologia”. Na

parte final da nota 14 do seu livro “Marx e a pedagogia moderna” (2007), se lê:

Remonta exatamente a Lênin a escolha do termo “politécnico” em vez de “tecnológico” para o ensino na perspectiva do socialismo. Foi precisamente a sua autoridade que, posteriormente, determinou o uso constante de “politécnico”, não só na terminologia pedagógica de todos os países socialistas, mas também – o que é filologicamente incorreto – em todas as traduções oficiais dos textos marxianos em russo e, daí, em todas as demais línguas, inclusive quando Marx escreveu ou falou em inglês, como nas suas intervenções na Internacional, foi traduzido em “seu” alemão *technological* por *polytechnisch*. Também, finalmente, quando varia os termos alternando *technological* e *technical*, para distinguir conscientemente a escola socialista da burguesa, traduzem sempre por *polytechnisch*, criando inevitavelmente bastante confusão. É desnecessário repetir, aqui, quanto de importância se deva atribuir à escolha de uma palavra. À parte a “responsabilidade” de Lênin, que – repetimos – foi o primeiro, e por longo tempo o único, a compreender e relançar aquelas teses marxianas, parece que a ênfase tecnicista, quer dizer aquele risco de o ensino socialista decair a esse ensino “industrial universal” (ou, como se deveria dizer hoje, “polivalente”, que, com ou sem razão, muitos creem divisar), tem, naquela escolha filológica, se não a sua origem, pelo menos um indício.

Consideramos, por outro lado, nosso dever acrescentar, aqui, que a tra-

dução das *Istruzioni ai Delegati*, do citado primeiro volume da obra *IL Marxismo e l'Educazione* (1964, p. 82-84), feita a partir do texto alemão, usa sempre o termo “politécnico”, até quando deveria dizer “tecnológico”, isto é, em todos os casos exceto um. Pedimos desculpas aos eventuais leitores daquele volume. Atualmente, dispomos, afinal, do original inglês, *The General Council of the First International, 1868-1870, Minutes*, Moscow, Progress Publishers, s.d. (será 1864?), do Instituto para o marxismo leninismo. (MANACORDA, 2007, p. 192-193).

Com outras palavras, Manacorda diz que, no primeiro volume da antologia *Il marxismo e l'educazione* de 1964, havia-se utilizado do texto de Marx *Istruzione ai delegati* na tradução alemã, em que emprega o termo “politécnico” mesmo quando deveria empregar o termo “tecnológico”. Mais tarde, todavia, verificou que o texto original era em inglês e utilizava o termo *technological*, isto é “tecnológico”. Assim, pede desculpas aos leitores pelo equívoco que, finalmente, corrigiu no seu novo livro *Marx e la pedagogia moderna* de 1966, que foi traduzido em língua espanhola, na Colección Libros Tau, Barcelona 1969; em seguida, em português (Editora Cortez e Autores Associados, São Paulo 1991); e, ultimamente, pela Editora Alínea, Campinas 2007.

Sobre o mesmo assunto, há outra curiosidade significativa. Em 1988, lhe enviei para apreciação o meu texto: “Ao leitor brasileiro”, destinado a ser publicado

como apresentação da tradução no Brasil do seu livro “História da Educação – da Antiguidade aos nossos dias”, Editora Cortez.

Em sua carta resposta, manuscrita, de Bolsena, diz:

Caro Paolo, sua apresentação está ótima [...]. Talvez, eu esclareceria melhor a escola “politécnica” e a função do industrialismo; [...]. Diria **“uma escola tecnológica”**, sublinhando os princípios científicos gerais e não somente as exigências do pluriprofissionalismo. *Ciao. Grazie. tuo Mario.* [negrito meu]

Eu havia escrito:

Sem dúvida, na visão dessa obra, o momento estratégico da síntese da Escola-do-dizer com o Treinamento-para-o-fazer será marcado pela revolução industrial que, negando o ‘sapateiro por natureza’ de Platão, destruindo também o treinamento-para-sapateiro dado nas corporações medievais, fixa as bases de **uma escola politécnica para os trabalhadores** e lança a hipótese de uma escola para todos, como espaço e tempo de plenitude de vida. (Nosella, São Carlos, outubro de 1988). [negrito meu]

Obviamente, em decorrência de sua resposta, substituí o termo “politécnica” por “tecnológica”. Hoje, o livro “História da Educação – da antiguidade aos nossos dias” está no Brasil na 1ª reimpressão da 13ª edição. É um belo livro de 455 páginas, originado, como disse, das doze transmissões radiofônicas de 1980. É lido, preferencialmente, entre os alunos dos cursos de Pedagogia e pós-graduação em

Educação, na disciplina História da Educação. É um amplo passeio pelos séculos, discorrendo sobre educação e pedagogia com base, sobretudo, em textos clássicos da literatura:

Minha intenção foi não fazer um texto corporativo que fale do interior da escola, mas que se relacione com o crescimento geral da sociedade, nos aspectos culturais e também nos aspectos da vida cotidiana e do trabalho (MANACORDA, DVD, 2007, p. 15 do livreto).

Em 1970, Manacorda ensinava História da Educação na Universidade de Cagliari, na Sardenha, terra natal de Antonio Gramsci. Empenhado na tradução e difusão do pensamento marxista na Itália, não poderia, obviamente, deixar de apresentar aos seus alunos o pensamento pedagógico do coetâneo deles, considerado o maior intelectual marxista. Assim, publica, entre 1970 e 1972, *Il principio educativo in Gramsci e Antonio Gramsci, l'alternativa pedagogica*. O primeiro, dedicado *Aos meus estudantes de Cagliari*, levava como subtítulo: *Americanismo e conformismo* e a epígrafe escolhida deixa claro o intuito provocativo de Manacorda contra a tendência liberalizante do pensamento pedagógico, certo *laissez faire* ou espontaneísmo em educação:

O antiamericanismo é antes cômico que estúpido.

A respeito do "conformismo" social [...] o alarme dado por certos intelectuais é apenas cômico...

[...] me agrada utilizar precisamente a

palavra "conformismo", para chocar os imbecis. (GRAMSCI, in MANACORDA, 2008).

Esse livro mostra o jovem professor Mario Manacorda intento a formar seus alunos pela disciplina nos estudos, conformando seus instintos à árdua lógica do trabalho intelectual. Coerente com essa ideia, esse livro cita com destaque o caderno do cárcere n. 22, *Americanismo e fordismo*, de Gramsci.

O segundo livro é uma seleção de textos de Gramsci, organizados conforme um plano teórico que destaca a concepção de educação como processo político hegemônico que ocorre no interior das instituições escolares, mas, sobretudo, em todas as complexas relações coletivas e individuais da sociedade.

O primeiro livro foi traduzido e publicado no Brasil pela Editora Artes Médicas de Porto Alegre, em 1990 e, em segunda edição, pela Editora Alínea de Campinas, em 2008. A antologia não foi aqui publicada. Na Itália, os dois livros foram ultimamente relançados pela *Editori Riuniti university press*, Roma, 2012, evidenciando o renascimento atual dos estudos marxistas na Itália.

Na trajetória formativa de Manacorda, a década de 1960, marcada pela publicação (seleção dos textos, tradução e comentários) da citada trilogia *Il marxismo e l'educazione*, pouco conhecida, na verdade, mas determinante na sua formação teórica, representou a descoberta e a posse definitiva do método marxista, *il filo rosso*, o fio de Ariadne, vermelho, que o acom-

panharia na compreensão dos fatos e da cultura do século XX, verdadeiro labirinto teórico que desafia qualquer analista:

Um século que foi chamado por alguém [Eric J. Hobsbawm] um século breve ou, por outros, um século longo [Fernand Braudel]. Para mim, é muito longo. Em todo caso, nos deu muito de bom e muito de ruim. Diria em medida exorbitante comparando com todos os outros séculos da história humana. Foi um século de fortes acelerações e de fortes contrastes. Diria, aliás, que é caracterizado exatamente por um excesso de contraditoriedade. A contradição é uma boa chave de leitura para esse século. (MANACORDA, DVD, livreto, 2007, p. 8-9).

Sem abrir mão do *filo rosso*, isto é, da raiz da história que é o trabalho do homem em colaboração com os outros homens para dominar e humanizar a natureza, o perfil intelectual de Manacorda tomava cada vez mais a forma poliédrica: variada nos assuntos, unitária no método. Na Itália, são conhecidas suas intervenções no debate pedagógico em favor da unicidade do ensino médio (ginásio e liceu), mas também seus estudos históricos da Antiguidade, como, por exemplo, sobre a crise ideal educativa do IV século d.C. em torno da figura e da proposta educativa de Juliano, o Apóstata que contrapunha à Paideia de Cristo a Paideia de Aquiles (*A paideia de Aquiles*, Editori Riuniti, Roma 1971) e sobre as origens e o perfil da profissão docente na antiga Grécia e em Roma (*Scuola e Insegnati*, cap. IX, in *Oralità, scrittura, spettacolo*. Org. Mario Vegetti, To-

rino Boringhieri, 1983). Em 1977, publicou um estudo *Per una pedagogia dell'uomo integrale*, na *Revista Critica Marxista*, n. 4-5. Em 1980, na mesma revista, n. 6, publicou *Pedagogia e politica scolastica del P.C.I. dalle origini alla liberazione*. Em 1988, ainda na *Revista Critica marxista* n. 5, publicou *Franco Rodano lettore di Marx*.

Um carinho particular demonstrava para o livro *Lettura laica della bibbia*, Editori Riuniti, Roma, 1989. Literariamente original, evidencia a grande postura laica de Mario: qual a razão de tamanha fortuna histórica da Bíblia, pergunta-lhe um dia Yúkiko, sua admiradora japonesa? Vocês ocidentais – continua Yúkiko – referem-se à nossa cultura como expressão do “mistério oriental”, mas, na verdade, nós orientais estranhamos o mistério da cultura ocidental. Tão racionalista como se crê, como pode essa cultura reverenciar livros sagrados que narram histórias de patriarcas que se dispõem a matar seu filho por ordem de um deus pai misericordioso e impor a todos a adoração de um deus único em três pessoas? Manacorda, estimulado pelas provocações da amiga, estrutura um livro alternando as cartas dela às suas respostas. Ao todo, são 58 cartas, datadas de junho de 1987 a outubro de 1988, nas quais “explica” laicamente o “mistério” da alma ocidental; as origens míticas do mundo e dos homens; o conteúdo histórico dos patriarcas etc.. Na última carta, Yúkiko pergunta: “Caro Mario, por que os homens têm necessidade de buscar fora do homem as razões do homem?” E Mario responde: “Sim, eu também sonho uma humanida-

de futura que não tenha necessidade de buscar fora de si as razões para uma sua convivência solidária e fraterna. “ (*Lettura laica della Bibbia*, p. 283).

O último grande trabalho de Manacorda, de 1.200 páginas, em fase de revisão, é *Diana e le muse: tre millenni di sport nella letteratura – antologia ragionata da Omero a noi* (Diana e as musas: três milênios de esportes na literatura – antologia comentada de Homero aos nossos dias). Ele faleceu sem poder ver o livro:

Esse trabalho sobre o esporte decidi dividi-lo numa antologia esportiva onde tem Homero, tem Píndaro, tem Virgílio; mas tem também Dante, Petrarca, Erasmo de Rotherdam, tem Goete, tem até Shakespeare porque a literatura está cheia de referências ao esporte que as histórias literárias põem num canto. Os intelectuais se envergonham de serem também esportivos, ou talvez não o sejam, talvez sejam apenas torcedores. (DVD, livreto, 2007, p. 18).

Alguém poderia pensar que Manacorda estava esquecendo o marxismo e pagando tributo desmerecido à corrente teórica chamada Nova História. Nada disso. Ele, sem negar a importante contribuição na historiografia dos Annales Franceses, com essa obra objetiva criticar a separação entre o físico e o cultural, herança da filosofia espiritualista e idealista: “Não se move o corpo sem um trabalho da inteligência, nem a inteligência sem um trabalho do corpo, do cérebro, da voz, da caneta, do computador” (*Diana e le muse*, 2008, p. 10). Não há, costumava dizer, um corpo e

uma alma, há um corpo animado ou uma alma encarnada. Com efeito, essas páginas representam uma atenta costura de textos clássicos, comentados, feita com o *filo rosso* característico do método marxista.

5 Militante

Um dia, em 1987, perguntei: “Mário, qual sua relação com o Partido Comunista Italiano?” Respondeu: “O partido fez meus dentes e, depois, me deu muito osso para roer.” Não acrescentou mais nada. Naquele ano, o PCI já havia sido extinto e substituído pelo P.D.S. (Partido Democrático Social). Manacorda, desgostoso, havia aderido ao grupo político de Refundação Comunista:

Do fim do socialismo real devemos tirar uma conclusão ruim (*brutta*). Que não se deve mais fazer revoluções. Mas, também, que se devem fazer revoluções todos os dias, porque haverá sempre necessidade delas. Parece contraditório, mas é assim. Com efeito, se [a experiência do socialismo real] acabaram mal, significa que as coisas permaneceram num ponto ruim de sua história. Então será sempre necessário fazê-las. O que nos interessa é o ‘como’. Marx distinguia, na premissa das ‘Lutas de classe na França em 1948’, a insurreição da revolução, dizendo que no decorrer da luta de 1948 o Partido Insurrecional havia amadurecido para Partido Revolucionário: da insurreição para revolução. Este é o progresso que precisamos fazer. Revolução significa mudança total dos sistemas sociais [...]. Creio que se trate de um ensinamento

marxista muito esquecido, quer pelos seus seguidores, quer pelos seus adversários. [...] Eu já havia cortado as relações com a União Soviética de Brejnev e havia sempre corrigido os companheiros soviéticos pela sua interpretação errônea de Marx, como se fosse um teórico do poder; era um teórico da liberdade civil. (DVD, 2007, p. 9-10).

A militância de Manacorda caracterizava-se pela sua atuação no campo da cultura; era um difusor dos ideais comunistas nas expressões culturais mais elevadas. Foi Diretor das Edições *Rinascita*; responsável da Comissão “Escola” junto à Direção do Partido Comunista Italiano; responsável da “Seção Educação” do Instituto Gramsci; Diretor da “Revista Reforma da Escola”; membro do Comitê Diretivo da “Federação Internacional dos Sindicatos do Ensino”; membro da Comissão Italiana na UNESCO; colaborador de vários outros Jornais, Revistas e, como vimos, também da R.A.I. (Rádio Televisão Italiana). Em minha pequena biblioteca pessoal, conservo muitos exemplares das revistas *Riforma della scuola* e *Rinascita*. Folhando-as, mesmo que rapidamente, percebe-se logo uma característica editorial: a preocupação com a comunicação de massa e com o elevado nível cultural e científico. Não há ranço de sectarismo político, nem, como ele dizia, de “racismo ideológico”.

Aberto ideologicamente, insistia, todavia, em se identificar como comunista, mesmo quando a denominação era fora de moda:

Insisto (com esse nome) porque sei distinguir a tradição cultural e o socialismo real. Partindo desta distinção, podemos ainda evocar um ideal que conserva o nome de comunismo, embora no mundo já existam poucos comunistas; mas a necessidade de um resgate geral do homem, de superar esta situação de divisão da humanidade que o progresso científico e técnico de hoje acentua e exaspera, esta exigência permanece. [...] Enquanto não saímos dessa contradição, que é planetária, um ideal, que até hoje foi chamado de comunista, é necessário, qualquer que seja o nome que a humanidade futura queira escolher. Eu assim me nomeei, sou um homem do século passado; não seria decoroso que renegasse a mim mesmo como fizeram muitos outros. (DVD, 2007, p. 14-15).

Obviamente, neste breve texto, não poderei deixar de destacar a relação de Manacorda com o Brasil. Ainda recentemente, quando o vi em Roma, ao falar-lhe do Brasil se emocionava. A primeira vez que visitei Mário, em sua residência de Bolsena, foi em fevereiro de 1985. Fui visitá-lo porque, conhecendo seus livros em língua espanhola *Marx y la pedagogia moderna* (Barcelona, 1969) e *El principio educativo en Gramsci* (Salamanca, 1977), que circulavam entre nós educadores brasileiros, desejava trocar ideias sobre literatura marxista em educação e, quem sabe, publicar aqui algumas das suas obras. Ainda guardo com carinho o exemplar do seu livro *Storia dell'educazione – dall'antiquità a oggi* Edição ERI, Torino, 1883, recebido de suas

mãos naquela ocasião. Na 1ª folha em branco, manuscrito, se lê: *a Paolo Nosella, ricordo de una viva conversazione su temi di comune impegno. Bolsena, 5 febbraio 1985. Mario A. Manacorda* (assinado). Em 1986, a Revista da Associação Nacional de Educação (ANDE), n. 10, publicou trechos de uma entrevista com ele, realizada por Maria de Lourdes Stamato De Camillis.

Em 1987, o Programa de Pós-Graduação de São Carlos, SP, coordenado pela Profª Ester Buffa, organizara um Seminário Comemorativo dos 10 anos de funcionamento: “Por que – disse para Ester – não convidarmos Manacorda para proferir a palestra de abertura?” Foi trabalhoso, mas conseguimos trazê-lo. Proferiu aqui a palestra “Humanismo de Marx e industrialismo de Gramsci”, posteriormente traduzida e publicada no livro “Trabalho, educação e prática social”, organizado por Tomaz T. da Silva, Editora Artes médicas, Porto Alegre, 1991. Na oportunidade, Manacorda realizou um ciclo de palestras em várias universidades brasileiras. Essa sua permanência no Brasil, quando também deu várias entrevistas (uma delas foi publicada em 1989 pela Revista Educação em Questão), motivou as traduções para o mercado brasileiro de algumas das suas mais importantes obras: “História da Educação – da antiguidade aos nossos dias” Cortez, 1989; “O princípio educativo em Gramsci” Ed. Artes Médicas, 1990; “Marx e a pedagogia moderna” Cortez, 1991.

A segunda sua vinda ao Brasil foi virtual, isto é, em videoconferência. Em 2006, o Grupo de Estudos e Pesquisa “His-

tória, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR) comemorava 20 anos de fundação. Dermeval Saviani me telefonou solicitando que contatasse o Prof. Mario Alighiero Manacorda para proferir a conferência de abertura do VII Seminário Nacional promovido pelo grupo na UNICAMP, em julho daquele ano. A intenção dos organizadores do evento era trazê-lo pessoalmente, mas a idade avançada (93 anos), mesmo gozando de boa saúde, aconselhou a “presença virtual”. O tema da conferência foi “O século XX e as perspectivas para o futuro”. Diante do microfone, Mario falou mais de uma hora, fazendo um denso balanço do século XX e apontando problemas para o século XXI (o texto foi publicado no livro “Navegando pela História da Educação Brasileira-20 anos do HISTEDBR”, Editora Autores Associados, Campinas, 2009). Na oportunidade, foi possível também realizar na casa de campo de Bolsena uma entrevista filmada que deu origem a um simpático DVD, ainda a disposição graciosa dos simpatizantes, *Mario Alighiero Manacorda aos educadores brasileiros*.

Sua preocupação incessante com as recentes e antigas leituras abstratas, hermeneuticamente pouco rigorosas ou mesmo mal intencionadas, dos escritos de Marx, deu origem a um belo “desabafo” teórico “Karl Marx e a liberdade”, livro publicado no Brasil antes do que na Itália, pela Editora Alínea, Campinas, 2012. O livro é desdobramento de um notável artigo em jornal, 2005, *Perché non posso non dirmi comunista* (Por que não posso deixar de me chamar comunista). Para a publicação

do livro, as coisas assim se passaram: em julho de 2008, voltei a visitá-lo em Bolsena, visando conseguir seu grande texto *Diana e le muse: tre millenni di sport nella letteratura*. Permitiu-me copiá-lo, porém disse-me que, no momento, preferia publicar no Brasil outro texto pronto desde 2007: *Quel vecchio liberale del comunista Karl Marx*. Aceitei o desafio e, junto com o amigo Newton Ramos-de-Oliveira (2012, Prefácio), trabalhamos por longas horas na tradução.

A linguagem do texto, conforme escrevi no prefácio, é colorida, metafórica e coloquial, carregada de muita emoção, típica de alguém que realiza um acerto de contas teórico. O título foi um quebra cabeça. Propus, então, outro título que se adequasse, obviamente, ao espírito do texto 'Karl Marx e a liberdade'. Manacorda gostou e aprovou, mas acrescentou: diga que este título é seu. No fim, editamos os dois títulos.

Nesse livro, são retomados conceitos e análises já várias vezes publicados, mas que, na sua versão compacta e sintética, apresentam-se agora como um testamento teórico de sua leitura de Marx que, insiste, não é um teórico do poder, nem da economia, como muitos disseram, e sim

da liberdade. Com efeito, Marx pertence à antiga cepa dos liberais progressistas, para os quais o valor máximo é a liberdade. Todavia a eles se contrapõe porque reivindica a liberdade plena e para todos. Amá-la assim não é amá-la de menos. Por isso, se ardorosamente defende a igualdade social, o faz como garantia dessa universal liberdade. Não são dois valores contrapostos, nem equivalentes: a liberdade é valor fim, e a igualdade é valor meio.

Adeus

— Caro Mário, se você sabe distinguir a cultura ideal comunista da prática do socialismo real, por que não distinguir também as culturas, ritos e mitos religiosos das práticas das religiões reais?

— *Certamente, mas não esqueça, Paolo, que o clero que te educou era o clero do norte da Itália que protagonizou importantes lutas populares.*

— Adeus, Mário, você pulou deste rio. Eu nele ainda continuo, movido pela contradição e alimentado pelo viático de seu exemplo que me faz pelear em favor da liberdade plena e para todos. (*conversa imaginada entre mim e Mario*)

Referências (textos do autor)

A scuola nel vent'ennio. Ricordi e riflessioni. In: GENOVESI, Giovanni. "C'ero anch'io! Napoli: Liguori, 2010.

Antonio Gramsci – l'alternativa pedagogica. Florença: Editora La Nuova Itália, 1972.

Diana e le muse – tre millenni di sport nella letteratura. - Antologia (mimeo), 2008.

Franco Rodano lettore di Marx. Critica marxista, n. 5. [S.l.]: Edizioni Dédalo, 1988.

Il contributo dell'Università di Pisa e della Scuola Normale Superiore alla lotta antifascista ed alla guerra di liberazione. Anais de Congresso. Frassati Filippo (Org.). Pisa: Giardini Editori e Stampatori in Pisa, 1985.

Il marxismo e l'educazione- testi e documenti: v. 1 Marx, Engels, Lênin. Roma: Editore Armando, 1964.

Il marxismo e l'educazione- testi e documenti: v. 2 La scuola sovietica. Roma: Editore Armando, 1965.

Il marxismo e l'educazione- testi e documenti: v. 3 La scuola nei paesi socialisti. Roma: Editore Armando, 1966.

Karl Marx e a liberdade. Campinas: Alínea, 2012.

La Paideia di Achille. Roma: Editori Riuniti, 1971.

Lettura laica della bibbia. Roma: Editori Riuniti, 1989.

Mario Alighiero Manacorda: aos educadores brasileiros. Campinas: HISTEDBR-FE/UNICAMP, 2007. DVD.

Marx e a pedagogia moderna. 2. ed. brasileira. Campinas: Alínea, 2007.

Marx e la pedagogia moderna. 1. ed. Roma: Editori Riuniti, 1966.

Momenti di storia della pedagogia. Torino: Loescher Editore, 1977.

O princípio educativo em Gramsci – americanismo e conformismo. Campinas: Alínea, 2008.

Pedagogia e politica scolastica del P.C.I. dalle origini alla liberazione. Critica marxista, n. 6. [S.l.]: Edizioni Dédalo, 1980.

Per una pedagogia dell'uomo integrale. Critica marxista, n. 4-5, [S.l.]: Edizioni Dédalo, 1977.

Scuola e insegnanti. In: VEGETTI, Mario (Org.). *Oralità, scrittura e spettacolo, introduzione alle culture antiche*. Torino: [s.n.], 1983.

São Carlos, inverno, 2013.

Recebido em julho de 2012

Aprovado para publicação em agosto de 2012